

fora



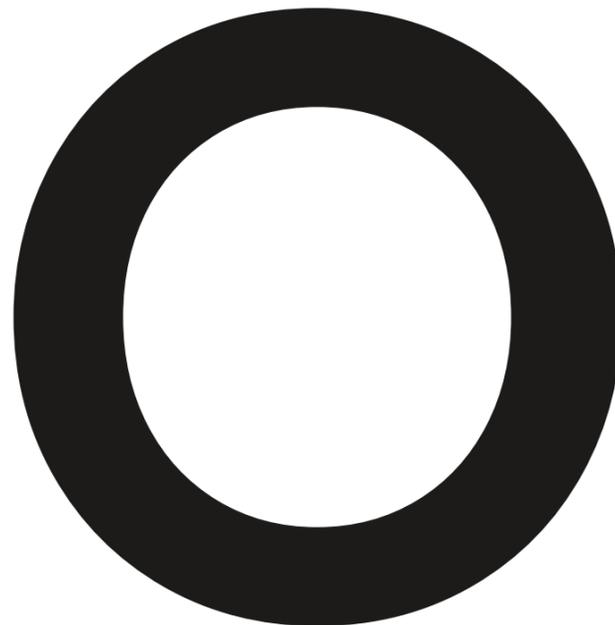
Com mais forma e menos função, a cerâmica alcança status de material artístico e dá origem a peças únicas carregadas de novos significados.

Obra da série  
Cygnus, do escultor  
Gregoire Scalabre.

por lara muniz

de

SÉRIE



nipresente nas mais diversas culturas na forma de utilitários que nos firmaram como civilização, o barro cozido é nossa companhia desde os tempos antigos. Além dessa característica natural, a cerâmica e a porcelana (a sua derivação mais nobre) carregam uma indissolúvel ligação com o toque das mãos, pois uma peça moldada há mil anos ainda guarda em suas formas a presença de quem a criou. E é essa marca humana nas criações que volta a ganhar valor, num momento em que estamos em busca de uma essência mais verdadeira, em harmonia com a natureza.

A valorização do feito à mão fez com que esse material maleável se revelasse um suporte valioso para a arte também. “A cerâmica está recuperando o seu prestígio ao ser reinterpretada por designers e artistas”, comemora o escultor francês Gregoire Scalabre. Um dos nomes mais incensados nesse cenário de renascimento do material, ele equilibra virtuosismo técnico e ousadia plástica em criações com uma abordagem precisa de formas e padrões.

“Há alguns anos, diziam que a cerâmica era o bronze dos mais pobres. Hoje ela conquistou um alcance artístico real”, afirma Gregoire, um apaixonado pela plasticidade da argila desde criança, quando a tocou pela primeira vez. Ele acabou de apresentar na mostra *Porcelain Virtuosity*, na última Homo Faber, em Veneza, a sua recente *The Final Metamorphosis of Thetis*, uma obra monumental, que amplia os limites da cerâmica e lança um olhar crítico sobre a humanidade. Composta de 70 mil minivasos, ela foi inspirada por uma divindade grega com capacidade de se metamorfosear em várias formas. “Parti da ideia dessa deusa, com milhares de ânforas, vestígios de navios que afundaram com cargas de vasos repletos de especiarias, azeites, vinhos, que simbolizam a civilização.”

O mundo gira e tudo aquilo que é puro e natural volta a ganhar nosso olhar. Não à toa, galerias de arte mundo afora têm incorporado ceramistas, designers, escultores e artesãos desse universo em seus catálogos. A catalã Side Gallery, por exemplo, reuniu há poucas semanas vários artistas de peso numa mostra coletiva intitulada *Exposed Material*. “Queríamos apresentar um desenvolvimento atualizado do material como meio escultórico sob a perspectiva do artista”, conta Luis Sendino, fundador e diretor da galeria.





O vaso Blue Work, de Vince Palacios. Na página ao lado, linhas orgânicas no trabalho de Leah Kaplan.





A inspiração para as texturas das peças criadas por Nicole e Luiza Toldi, como na coleção Serra, vem da natureza.

Um dos destaques da exposição, o estadunidense Vince Palacios tem alguns de seus trabalhos com aspecto geológico e narrativa lúdica nas coleções permanentes de vários museus importantes, como o American Museum of Ceramic Art (Amoca), na Califórnia. “Suas formas estranhas são projetadas para levar os espectadores a refletir sobre a sensação de estar fora do lugar e então achar uma maneira de se encaixar”, diz Sendino.

A metáfora sutil sobre os tempos atuais anda embalando o interesse de muita gente. Junto com a Side, entre várias outras, a Todd Merrill Studio, de Nova York, e a Hostler Burrows, com sede na mesma cidade e em Los Angeles, integram a lista de endereços *artsy* pelo planeta que estão naturalizando a presença de objetos de cerâmica ao lado de telas, mobiliário, tapeçarias modernas e outras expressões artísticas. Representada pela Hostler Burrows, a sueca Eva Zethraeus, por exemplo, viu seus trabalhos, uma combinação de extrema fragilidade e beleza, brilharem na Europa e nos Estados Unidos nos últimos tempos.

Neles, a natureza, em suas diversas e intrincadas formas marinhas, algumas próximas do real, outras absolutamente fictícias, é o tema principal – que bem poderia ser traduzido como um delicado sonho do fundo do mar. “Há muitos artistas empurrando os limites da cerâmica tradicional para a arte por meio de uma abordagem mais experimental”, observa Eva.

Ela própria gosta de desafiar as propriedades do material. Sua técnica, semelhante à do francês Gregoire Scalabre, consiste em criar grandes peças com inúmeras partes menores, feitas uma a uma, num trabalho que ela mesma afirma se aproximar da meditação. “Cada pecinha é única. É importante para mim que todas tenham as minhas impressões digitais e o movimento do barro gravado nelas.”

Em suas redes sociais, às vezes Eva aparece com um martelo na mão, destruindo obras que não ficaram perfeitas. Segundo ela, em alguns dias é mais difícil arcar com o peso da criatividade e, por isso, a destruição também faz parte da rotina. “Gosto do fato de que o barro vem da natureza e retornará à natureza”, afirma, com a leveza de quem aprendeu a lidar com as surpresas dos processos de produção.

Encontrar os próprios caminhos na criação foi decisivo para a estadunidense Leah Kaplan, cujo momento atual direciona seu olhar para linhas absolutamente orgânicas. “Sou incapaz de traçar uma linha reta, mesmo que seja para salvar a minha vida”, diz, brincando. “Talvez por isso as curvas, ondulações e formas

curvilíneas me atraíam. Nunca faço nada geométrico ou angular.” Leah já trabalhou com artesãos das partes mais remotas do mundo, ajudando-os a encontrar mercado para seus trabalhos. “Conheci trabalhadores engajados em todos os meios, fazendo coisas extraordinárias, e a influência coletiva deles abastece a minha própria produção.”

Leah celebra um reconhecimento crescente do trabalho com as cerâmicas e credits parte desse sucesso à infinidade de possibilidades nascida da combinação de materiais, técnicas de montagem, escala e esmaltações. “Em termos funcionais, o barro está sendo usado para tudo, desde mesas laterais até iluminação e assentos, e muitas vezes em escala monumental”, lembra. “Ao mesmo tempo, a argila se presta a incontáveis experimentações e alquimias, o que faz dela um material especialmente rico para o artista.”

Em terras brasileiras, a cerâmica também integra um mercado em ascensão. Ainda que de forma bem tímida, já que muitos criadores se consideram mais artesãos do que artistas. É o caso de Nicole e Luiza Toldi, mãe e filha, que se ocupam juntas da produção de itens delicadíssimos. “Por aqui, o reconhecimento desse trabalho como arte ainda patina, mas é bom ter notícias positivas vindas de fora”, avalia Luiza. “Dá a esperança de que em breve tais ventos soprem no Brasil.”

A dupla aposta em um processo orgânico totalmente livre. Essa liberdade permite renovar as coleções sem nenhuma rigidez para produzir peças com camadas, nas quais a arte convive em paz com o senso utilitário. “Me agrada pensar que o que eu fiz como um vaso, esmaltado por dentro para garantir essa utilidade, também seja usado como peça única numa estante, conferindo um aspecto de arte informal”, pensa Nicole. “Gosto ainda mais de imaginar que os arranjos que passarão por ali sugerem também uma interferência artística no meu trabalho, numa troca divertida.”

Com o ateliê fincado na Serra da Mantiqueira, elas buscam na natureza local a inspiração para a riqueza de texturas gravadas em suas peças, que agora estarão em Milão. O trabalho delas foi selecionado pela missão da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil) para representar o design nacional no Salão Internacional do Móvel. “Não sou designer, pois não tenho formação na área”, lembra Nicole. “Mas está certo me chamar de artesã, artista ou escultora. Não ligo para a nomenclatura, e deixo para as pessoas pensarem. A mim, cabe sujar as mãos”, sorri, feliz da vida.